

ESTELAS FUNERÁRIAS DE VILA BOA (SABUGAL)

123.1

Foto 123. 1

O primeiro destes monumentos, de granito de grão médio e bastante erosionado, está reaproveitado como lintel de uma porta posterior numa casa bastante degradada de Vila Boa⁽¹⁾. Está deitada sobre o lado direito e, com essa orientação e aquando do reaproveitamento (possivelmente no séc. XVIII), de forma pouco profunda ter-lhe-ão gravado uma pequena cruz (com 14 cm de altura e 12 nos braços) à esquerda, a que se sobrepõe a provável identificação do proprietário e ano de construção (em inscrição que não conseguimos decifrar).

Está fracturada imediatamente por cima da primeira linha, pelo que, provavelmente, lhe faltará a cabeceira. Na face posterior é de corte bastante irregular, evidenciando um desbaste para diminuição da espessura. A superfície frontal apresenta um desgaste não uniforme, sendo este mais acentuado na metade superior.

O campo epigráfico é formado por duas cartelas rebaixadas, separadas por uma faixa de 10/11 cm de altura e deixando lateralmente dois listéis com cerca de 5 cm de largura. Imediata-

(¹) Esta casa fica na Rua do Ribeiro e pertence a José António. A situação da porta, encostada a uma outra parede lateral, não permite que se fotografe o monumento em condições que permitam uma boa leitura da epígrafe.

mente por baixo da segunda cartela, segue-se uma faixa ornamental (com 40×45) que contém em relevo dois frisos de merlões, alternadamente opostos e reentrantes; seguem-se-lhe, com um pequeno intervalo de 4 cm, dois motivos laterais também em relevo e com forma de LL invertidos e opostos (com 13 cm nas hastes horizontais e 17 nas verticais) que separariam o corpo do soco.

A inscrição é em letra capital actuária, de traçado muito irregular (rústico) e com arestas arredondadas: os MM são muito abertos; os NN de hastes oblíquas; os AA abertos e de travessões baixos; os TT e os FF de hastes transversais reduzidas; os SS inclinados para a direita; e os GG com hastes verticais reduzidas. Deficiente paginação, com um nítido alinhamento à esquerda.

A 3.^a linha está quase apagada, e na 4.^a gravou-se o S final sobre o listel lateral (restando apenas alguns vestígios); na 5.^a, está quase destruído o que supomos ser um nexu BE (que não é muito vulgar), conseguido com o prolongamento, para a esquerda, das linhas de intercepção das panças do B; na 8.^a, a sigla foi gravada já sobre a moldura.

Dimensões: $(172) \times 46/38 \times (26)$.

Campo epigráfico: 1.^a cartela: $(33) \times 36/37$; 2.^a cartela: $21,5 \times 35/34$.

MONIM/ENTVM / C(aio) [TATVCIO (?)] / TANGINV[S] /
LIBERTVS /^s SVOS (sic) // TANGIN/VS DVATI F(ilius) FEICIT
(sic).

Monumento a Gaio (...), (que mandou fazer) Tangino, seu liberto. Tangino, filho de Duátio, fez.

Altura das letras: l. 1 e 2: 5; l. 3: 3,5/4; l. 4: 4/5; l. 5: 5,5/6; l. 6: 5; l. 7: 4,5/4; l. 8: 4/5 (T = 5,5); l. 9: 5,5/5. Espaços: 1: (?); 2: 1; 3: 0,5/0; 4: 1/0; 5: 1; 6: 1/0; 7 e 8: 0; 9: 0/1; 10: 1,5/0; 11: 5/6.

Se a grafia de *monimentum* por *monumentum* é vulgar, e, também, por infecção céltica, seja normal *feicit* por *fecit*, talvez a desinência do pronome não seja apenas o resultado de uma deficiente pronúncia local mas, pelo contrário, a persistência de um nominativo indígena em -os.

Pelo mau estado de conservação e deficiente gravação, a leitura do *cognomen* do homenageado é bastante conjectural: tanto poderia

ser *Tatucius* como *Tapucius* (este fazendo lembrar a forma *Pucius* já conhecida na região), mas sem que conheçamos paralelos para qualquer das variantes. Por outro lado, *Tanginus* é dos *cognomina* indígenas mais vulgares na região; e se *Duatius* não é tão vulgar, pelo menos, é conhecido já em algumas inscrições da Lusitânia ⁽²⁾.

Pela fórmula inicial, utilização do dativo e pela paleografia, este monumento deverá ser de finais do séc. II.

123.2

Foto 123.2

A segunda estela é também de granito de grão médio e também está reaproveitada como lintel de uma porta, num palheiro existente noutro local da aldeia de Vila Boa ⁽³⁾. Deitada sobre o lado esquerdo, tem a base fracturada e reduzida a metade da sua largura (20 cm); a cabeceira é arredondada; o campo epigráfico corresponde a uma cartela rebaixada e superiormente em semicírculo, distanciada 52 cm do bordo da cabeceira e originando listéis laterais com 5 cm de largura; na continuação da cartela, foram lateralmente prolongados para baixo dois traços verticais (com 27 cm) que, por sua vez, são unidos por uma linha horizontal e duas oblíquas cruzadas.

A inscrição, em escrita actuária, tem uma paginação razoável, com a utilização de pontos de separação nas linhas 3 e 4. Não é

⁽²⁾ Para a distribuição de *Duatius* — em Penacova, Queiriz (Fornos de Algodres), Conimbriga (Condeixa-a-Velha), Capinha, Idanha-a-Velha e Aliseda (Cáceres) — *vide* bibliografia indicada por Nelson Correia BORGES, *Nova leitura da inscrição CIL 6275a (Penacova)*, «Conimbriga», 15, 1976, p. 117-125, mapa 1 (onde a inscrição CIL 733 se deverá atribuir a Aliseda). A estas inscrições deverá juntar-se uma outra de Nisa: *vide* José d'ENCARNAÇÃO, IRCP, n.º 644.

⁽³⁾ Este palheiro situa-se na Rua do Barroco. E o monumento, segundo informação do proprietário (Florindo Augusto Dinis), terá aparecido há cerca de 40 anos, enterrado no próprio local do palheiro e aquando da construção deste. Juntamente com o entulho e «numa cova com terra negra», terão também aparecido alguns objectos cerâmicos, entre os quais (pela descrição feita) uma pequena taça de *terra sigillata*: como na aldeia aparecem reaproveitados alguns materiais líticos contemporâneos, é provável que ali tenha existido algum pequeno povoado e a necrópole se situasse na zona da Rua do Barroco.

Oferecido pelo proprietário, este monumento deverá ser em breve removido para a Câmara Municipal.

Até ao momento presente, conhecem-se 9 inscrições funerárias no concelho do Sabugal, das quais 6 são estelas, impondo-se, portanto, o elemento indígena.

segura a gravação da sigla de filiação na linha 2, já sobre a moldura; um pequeno rasgo quase destruiu o final da linha 4, embora seja possível a leitura; na linha 5, por manifesta falta de espaço, os caracteres são de módulo nitidamente inferior, com utilização do nexu NT e a não gravação do O final. Os OO são de módulo ligeiramente inferior; o P de pança aberta e o B de pança inferior maior que a superior.

Dimensões: 175 × 40 × 20.

Campo epigráfico: 51 (ao centro) × 30.

TALACEO / COPORICI (*filio*) / CILIVS · LIB(*ertus*) / EX ·
TESTAM/ENT(*o*)

Cílio, liberto, por disposição testamentária (mandou fazer este monumento) a Talácio, filho de Copórico.

Altura das letras: l. 1: 8 (O = 6,5); l. 2: 7; l. 3: 7 (S = 8,5); l. 4: 6,5/8 (aumentando gradualmente para a direita); l. 5: 3,5. Espaços: 1: 8; 2: 2/3; 3: 3,5 (3 ao centro); 4: 2 (1 em S); 5: 0,5; 6: 0.

Supomos que o *cognomen Talaceus* se identifica pela primeira vez, embora seja mais um derivado do radical *Tal-* (4). Já *Coporicus* (*vel Coporicus*) é um derivado do étnico *Copori*, do convento lucense, e foi identificado também na região de Braga (5); por tal facto, é possível que o pai do homenageado tivesse emigrado para esta região, o que não é caso único relativamente a *Gallaeci* (6). Assim, *Talaceus* poderá ser também um *cognomen* indígena estranho à Lusitânia.

(4) Cf. Maria de Lourdes ALBERTOS, *O. Hisp.*, s. u. *Tala* e seguintes; IDEM, *NAH*, «*Emerita*» 33(2) 1965 e 40(2) 1975, com os mesmos radicais.

(5) L. SANTOS *et alii*, *Inscrições Romanas do Museu Pio XII, em Braga*, «*Bracara Augusta*», 37, 1983, p. 185-205, n.º 14.

(6) Aproveita-se a oportunidade para corrigir a proveniência de uma outra estela, muitas vezes citada por referir um *Limicus, castello Arcuce*, que se encontra no MNAE (Lisboa) com o número de entrada 5230 e foi publicada por José Leite de VASCONCELOS, *Epigrafia do Museu Etnológico (Belém)*, «*O A.P.*» 28, 1928-29, p. 213, n.º 1, atribuindo-a a «*Cerdeira do Cõa, Guarda*».

Embora esta aldeia seja sede de uma freguesia do concelho de Sabugal, conseguimos saber, através de pessoas idosas da região, que o monumento foi identificado em 1911 por José de Almeida Carvalhais (do MNAE) — o que está

Tanto neste monumento como no anterior, há que realçar o facto de serem libertos quem manda erigir os monumentos funerários aos respectivos patronos: o que só pode significar que estes, à hora da morte, lhes concederam a liberdade com aquela condição, juridicamente imposta no testamento.

Pela paleografia e utilização do dativo, este monumento deve ser de meados do séc. II.

FERNANDO PATRÍCIO CURADO

de acordo com a notícia in «O A.P.» 24, 1920, p. 267, com registo efectuado em 1914 — mas no sítio do Outeiro Alto, junto à aldeia de Abitureira, freguesia de Vila do Touro, concelho do Sabugal. Posteriormente foi enviada por caminho de ferro para Lisboa, através da estação da Cerdeira: daqui terá surgido o erro.

Não deixará de ser interessante relacionar o *cognomen* do *curator* da feitura deste monumento — *Taurocus* — com a região do *Tauros* numa toponímia confirmada documentalmente e que sobreviveu até aos nossos dias, a qual se deverá ao maciço rochoso na Idade Média conhecido (neste caso com redundância) por «Cabeço do Touro»!

Ficheiro Epigráfico, 27, 1988

